

Déficit é o menor desde 98

Marcello Antunes e Sheila D'Amorim
de Brasília

O déficit nas transações do País com o exterior em junho deste ano foi menor do que o registrado no mesmo período do ano passado: US\$ 2,5 bilhões contra US\$ 2,9 bilhões. No acumulado de 12 meses, o déficit chega a US\$ 23,980 bilhões, o equivalente a 3,96% do Produto Interno Bruto (PIB). Apesar desse resultado ser o melhor desde agosto de 1998, os números divulgados pelo Banco Central (BC) mostram que a retomada do crescimento econômico já começa a pesar nas contas externas.

Quando comparados com o ano de 1999, que foi caracterizado por uma retração forte especialmente na conta de serviços, os números referentes ao mês de junho apresentam significativas melhoras. Entretanto, a trajetória ao longo deste ano mostra que itens como gastos de turistas brasileiros em viagem ao exterior e remessas de lucros e dividendos ao exterior é de crescimento. Além disso, as despesas com juros também são maiores.

“Com o crescimento econômico, haverá uma pressão na conta de ser-

viços. Mas isso não significa que o déficit externo irá piorar. A retomada não deve ser tão significativa e o ganho na balança comercial deverá compensar essas elevações”, avalia o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. Com isso, o que pode acontecer é que o ritmo de redução do déficit externo será menor.

Depois do susto da desvalorização do ano passado, os gastos em viagens internacionais subiram este ano, pulando de US\$ 158 milhões, em maio, para US\$ 231 milhões, em junho. Desse total, US\$ 88 milhões são referentes a despesas feitas com cartão de crédito. As remessas de lucros e dividendos obtidos no País também cresceram significativamente, passando de US\$ 328 milhões para US\$ 561 milhões em um mês. Em julho, os gastos acumulados em 21 dias caíram para US\$ 32 milhões por força do ingresso de US\$ 235 milhões referente a receitas de operações do setor financeiro brasileiro no exterior.

A tendência, entretanto, na avaliação de analistas, é de maior pressão nesse item nos próximos anos. Isso porque o volume de investimento estrangeiro direto no País tem

se elevado desde a criação do Plano Real. O pagamento líquido de juros em junho totalizou US\$ 1,7 bilhão, valor inferior ao registrado no mesmo período de 99, mas foi 30% maior do que em maio deste ano.

Esse crescimento, segundo o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, se deu por causa de pagamentos a organismos internacionais como Clube de Paris. As estimativas são de gastos com juros no ano de cerca de US\$ 17 bilhões. No primeiro semestre, essas despesas chegam perto dos US\$ 8 bilhões.

O déficit de junho, assim como o acumulado no primeiro semestre, foi coberto integralmente por investimentos estrangeiros diretos que, de janeiro a junho, somam US\$ 12,6 bilhões.

Com isso, o saldo do balanço de pagamentos do País no período só não foi melhor por causa dos pagamentos ao Fundo Monetário Internacional (FMI), ao Clube de Paris e de bônus lançados no exterior. Em junho, por exemplo, o governo pagou US\$ 479 milhões a organismos internacionais por força da reestruturação da dívida brasileira.